v7.n9.2026

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

CRENÇAS DISFUNCIONAIS: O IMPACTO DE EXPERIÊNCIAS PARENTAIS NA CRIAÇÃO DE FILHOS

DYSFUNCTIONAL BELIEFS: THE IMPACT OF PARENTAL EXPERIENCES ON CHILD DEVELOPMENT

CREENCIAS DISFUNCIONALES: EL IMPACTO DE LAS EXPERIENCIAS PARENTALES EN LA FORMACIÓN DE LOS HIJOS

Beatriz Sanches Lima[2], Beatriz Salustiano Vieira[2], Cleber Simão Gonçalves[1], Jasmine Hosana de Souza[2], Lyndon Johnson Leite Souza[2], Maria Eduarda Fróes Feitosa[2], Victor Pereira Valente[2], Luiz Roberto Marquezi Ferro[3]

e798867
https://doi.org/10.47820/recima21.v7i9.8867

PUBLICADO: 09/2026

RESUMO

As experiências parentais participam da construção do funcionamento emocional e cognitivo dos filhos e podem influenciar a formação de crenças disfuncionais sobre si, os outros e o mundo. Este estudo teve como objetivo investigar, por meio de uma revisão sistemática da literatura, a relação entre experiências parentais e formação de crenças disfuncionais durante o desenvolvimento, sob a perspectiva da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). Foram consultadas as bases SciELO, PePSIC e PubMed, considerando publicações entre 2015 e 2025. A busca foi estruturada pela estratégia PICO e a seleção dos estudos foi organizada segundo as recomendações PRISMA. Foram identificados 834 registros; após triagem e aplicação dos critérios de elegibilidade, 18 estudos compuseram a síntese qualitativa. Os achados indicaram associação entre negligência, rejeição, críticas excessivas, práticas coercitivas, inconsistência parental e conflitos familiares e desfechos relacionados a cognições negativas, dificuldades de regulação emocional, baixa autoestima e problemas comportamentais. Em contraste, responsividade, afeto, limites consistentes, apoio e cooperação coparental apareceram como fatores protetivos. Os resultados também sugerem que os efeitos das experiências familiares são mediados por processos cognitivo-emocionais e podem repercutir ao longo do desenvolvimento e entre gerações. Conclui-se que a parentalidade constitui um contexto relevante, embora não determinante, para a formação de padrões cognitivos, reforçando a importância de intervenções preventivas e terapêuticas voltadas à promoção de relações familiares mais responsivas e à reestruturação de crenças disfuncionais.

PALAVRAS-CHAVE: Crenças disfuncionais. Terapia Cognitivo-Comportamental. Experiências parentais. Estilos parentais. Desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

Parental experiences contribute to children's emotional and cognitive development and may influence the formation of dysfunctional beliefs about the self, others, and the world. This study investigated, through a systematic literature review, the relationship between parental experiences and the development of dysfunctional beliefs from a Cognitive Behavioral Therapy (CBT) perspective. Searches were conducted in SciELO, PePSIC, and PubMed for publications from 2015 to 2025. The search strategy was structured according to PICO, and study selection followed PRISMA recommendations.

[1] Universidade Paulista (UNIP), graduando em Psicologia; Universidade Nove de Julho (UNINOVE), graduado em Radiologia Médica; Faculdade INESP, especialista em Tomografia Computadorizada e Ressonância Magnética.
[2] Universidade Paulista (UNIP), graduando(a) em Psicologia.
[3] Orientado Universidade Paulista (UNIP.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

A total of 834 records were identified; after screening and eligibility procedures, 18 studies were included in the qualitative synthesis. The findings indicated associations between neglect, rejection, excessive criticism, coercive practices, inconsistent parenting, family conflict, and negative cognitive and emotional outcomes, including low self-esteem, difficulties in emotion regulation, and behavioral problems. In contrast, responsiveness, affection, clear limits, support, and coparental cooperation emerged as protective factors. The findings also suggest that the effects of family experiences are mediated by cognitive-emotional processes and may extend across development and generations. It is concluded that parenting constitutes a relevant, but not deterministic, context for the development of cognitive patterns. Preventive and therapeutic interventions aimed at strengthening responsive family relationships and restructuring dysfunctional beliefs are therefore relevant.

KEYWORDS: *Dysfunctional beliefs. Cognitive Behavioral Therapy. Parental experiences. Parenting styles. Child development.*

RESUMEN

Las experiencias parentales participan en el desarrollo emocional y cognitivo de los hijos y pueden influir en la formación de creencias disfuncionales sobre sí mismos, los demás y el mundo. Este estudio investigó, mediante una revisión sistemática de la literatura, la relación entre las experiencias parentales y el desarrollo de creencias disfuncionales desde la perspectiva de la Terapia Cognitivo-Conductual (TCC). Se realizaron búsquedas en SciELO, PePSIC y PubMed, considerando publicaciones entre 2015 y 2025. La estrategia de búsqueda se estructuró según PICO y la selección de estudios siguió las recomendaciones PRISMA. Se identificaron 834 registros y, después del cribado y de la aplicación de los criterios de elegibilidad, 18 estudios fueron incluidos en la síntesis cualitativa. Los resultados indicaron asociaciones entre negligencia, rechazo, críticas excesivas, prácticas coercitivas, inconsistencia parental y conflictos familiares y resultados cognitivos y emocionales negativos, como baja autoestima, dificultades de regulación emocional y problemas de conducta. En contraste, la responsividad, el afecto, los límites claros, el apoyo y la cooperación coparental aparecieron como factores protectores. Los hallazgos también sugieren que los efectos de las experiencias familiares están mediados por procesos cognitivo-emocionales y pueden repercutir a lo largo del desarrollo y entre generaciones. Se concluye que la parentalidad constituye un contexto relevante, aunque no determinista, para el desarrollo de patrones cognitivos, lo que refuerza la importancia de intervenciones preventivas y terapéuticas orientadas a fortalecer relaciones familiares responsivas y reestructurar creencias disfuncionales.

PALABRAS CLAVE: *Creencias disfuncionales. Terapia Cognitivo-Conductual. Experiencias parentales. Estilos parentales. Desarrollo infantil.*

INTRODUÇÃO

A família constitui um dos primeiros contextos de socialização e de estabelecimento de vínculos afetivos, participando da construção de significados sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. A qualidade das interações familiares e a forma como os cuidadores exercem seus papéis podem influenciar o desenvolvimento emocional e cognitivo dos filhos (Cerveny; Berthoud, 2010; Teodoro; Cardoso; Freitas, 2010). A literatura também aponta associação entre

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

conflitos familiares, baixa qualidade das relações e dificuldades emocionais e comportamentais durante a infância e a adolescência (Lara; Carvalho; Teodoro, 2021; Freitas *et al.*, 2020).

Na perspectiva cognitivo-comportamental, experiências significativas são incorporadas aos sistemas de crenças que orientam a interpretação das situações. As crenças centrais constituem estruturas profundas relacionadas à percepção de si, dos outros e do mundo e podem assumir caráter funcional ou disfuncional. Quando rígidas e negativas, podem favorecer interpretações de desamparo, desamor e desvalor e participar da manutenção de sofrimento psicológico (Beck, 1999; Beck, 2022; Weber *et al.*, 2004). A teoria dos esquemas de Young amplia essa compreensão ao enfatizar que experiências precoces e necessidades emocionais não atendidas podem contribuir para a formação de padrões duradouros de funcionamento (Young, 2003; Von Mühlen; Amaral; Oliveira, 2025).

Os estilos parentais também constituem importante eixo de análise. O modelo de Baumrind diferencia estilos conforme dimensões de exigência e responsividade, permitindo compreender como práticas autoritárias, negligentes, permissivas ou responsivas se relacionam a diferentes desfechos do desenvolvimento (Baumrind, 1966). Estudos posteriores associam práticas parentais negativas a dificuldades de autorregulação, autoestima, comportamento e funcionamento emocional, enquanto afeto, responsividade, limites consistentes e apoio aparecem como fatores protetivos (Schavarem; Toni, 2019; Souza *et al.*, 2021).

Embora a relação entre parentalidade e desenvolvimento seja amplamente investigada, permanece relevante integrar os achados que tratam especificamente da passagem das experiências relacionais para padrões cognitivos disfuncionais, considerando também os mecanismos emocionais, a coparentalidade e os fatores contextuais. Nesse sentido, este estudo foi orientado pelo seguinte problema de pesquisa: de que maneira as experiências parentais contribuem para o desenvolvimento de crenças disfuncionais nos filhos, segundo a perspectiva cognitivo-comportamental?

O objetivo geral foi investigar, por meio de uma revisão sistemática da literatura, o impacto de experiências parentais na formação de crenças disfuncionais durante o desenvolvimento dos filhos, com base nos aportes da abordagem cognitivo-comportamental. Como objetivos específicos, buscou-se analisar a relação entre estilos parentais e crenças de desamparo, desamor e desvalor; explorar como a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) aborda a identificação e a reestruturação de crenças associadas a experiências parentais negativas; e identificar práticas e estratégias de intervenção relacionadas à promoção de padrões cognitivos mais adaptativos.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

A relevância do estudo reside na possibilidade de integrar conhecimentos sobre parentalidade, desenvolvimento e cognição, contribuindo para uma compreensão não determinista das experiências familiares e para a identificação de fatores de risco e proteção que possam orientar ações preventivas e terapêuticas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A família funciona como núcleo inicial de pertencimento e socialização, no qual a criança estabelece vínculos e aprende padrões de interação. Essas experiências participam da construção de expectativas sobre segurança, disponibilidade afetiva, competência e valor pessoal. A teoria do apego enfatiza a importância de relações de cuidado suficientemente estáveis para o desenvolvimento de uma base segura, enquanto estudos sobre relações familiares relacionam afetividade e conflito a desfechos emocionais posteriores (Bowlby, 1989; Teodoro; Cardoso; Freitas, 2010).

No campo dos estilos parentais, Baumrind (1966) descreveu padrões de parentalidade a partir da combinação entre exigência e responsividade. A literatura posterior ampliou essa classificação e distinguiu estilos caracterizados por controle elevado e baixa responsividade, permissividade e negligência. A relevância desse modelo para o presente estudo está em mostrar que práticas educativas não são apenas comportamentos isolados: elas constituem padrões relacionais repetidos, por meio dos quais a criança pode construir significados sobre suas próprias capacidades e sobre a disponibilidade dos outros.

A literatura consultada indica que negligência, punição inconsistente, disciplina relaxada, coerção, baixa afetividade e conflitos familiares se associam a problemas de comportamento, sintomas emocionais, menor autoestima e dificuldades de autorregulação. Schavarem e Toni (2019), por exemplo, identificaram associação entre negligência paterna e menor autoestima em meninos e entre disciplina relaxada materna e menor autoestima em meninas. Luxo Martins, Riccardi León e Seabra (2016) encontraram relação entre práticas parentais inadequadas e dificuldades em componentes das funções executivas. Freitas *et al.* (2020) observaram que conflito familiar e baixa afetividade se associaram a sintomas depressivos e problemas comportamentais em adolescentes. Esses achados sustentam a compreensão de que o ambiente relacional participa de processos que ultrapassam a manifestação comportamental imediata.

Na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), crenças centrais são entendidas como cognições profundas que organizam a interpretação das experiências. Beck (1999) descreve

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

categorias relacionadas ao desamparo e ao desamor, posteriormente ampliadas por Beck (2022) para incluir o desvalor. Essas crenças não equivalem a verdades objetivas; são construções aprendidas que podem ser avaliadas e modificadas por meio de intervenções cognitivas e comportamentais (Beck, 2022). O modelo cognitivo também diferencia pensamentos automáticos, crenças intermediárias e crenças centrais, permitindo compreender como experiências recorrentes podem ser interpretadas e posteriormente reativadas em situações semelhantes.

A teoria dos esquemas de Young complementa esse modelo ao enfatizar os Esquemas Iniciais Desadaptativos, estruturas amplas e duradouras relacionadas a necessidades emocionais básicas não atendidas. Pressi e Falcke (2016) encontraram evidências de que experiências na família de origem participam da ativação de diferentes domínios de esquemas, embora não constituam a única fonte de sua formação. Essa ressalva é central: a literatura não sustenta uma relação linear na qual determinada prática parental produz necessariamente uma crença específica. Experiências escolares, relações com outros cuidadores, vínculos afetivos posteriores, características individuais e condições socioculturais também participam desse processo.

A relação entre parentalidade e cognição, portanto, pode ser compreendida como um processo de mediação cognitivo-emocional. A criança não apenas recebe comportamentos parentais; ela interpreta essas experiências, atribui significados e internaliza padrões de resposta. Revisões sobre regulação emocional mostram que modelagem, suporte e práticas de socialização emocional influenciam o desenvolvimento da capacidade de reconhecer e manejar estados afetivos (De Raeymaecker; Dhar, 2022). Da mesma forma, Souza *et al.* (2021) identificaram associação entre práticas parentais mais estruturadas e responsivas e melhores indicadores de funções executivas.

Outro aspecto relevante é a coparentalidade. A qualidade da relação entre os cuidadores pode potencializar ou atenuar os efeitos das práticas parentais. Ambros *et al.* (2022) indicaram que apoio coparental se associa a desfechos positivos no comportamento infantil, enquanto conflito entre os cuidadores representa fator de risco. Benini, Euzebio e Mosmann (2025) também identificaram relação entre cooperação coparental e menores sintomas psicológicos em adolescentes. Assim, não é apenas a conduta individual de um cuidador que deve ser considerada, mas o sistema relacional no qual a criança está inserida.

Fatores contextuais igualmente interferem na parentalidade. Condições socioeconômicas, estressores ambientais, violência, acesso a recursos e transformações contemporâneas podem modificar as possibilidades de cuidado e a qualidade das interações.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Matos, Cavalcante e Costa (2016) relacionaram características do ambiente sociofamiliar ao desenvolvimento neuropsicomotor infantil. Trindade e Pessôa (2024) mostraram que condições ambientais e culturais influenciam práticas educativas e formas de cuidado. Esses resultados reforçam a necessidade de evitar interpretações individualizantes que atribuam exclusivamente aos pais fenômenos produzidos por sistemas sociais mais amplos.

Por fim, a literatura indica que padrões parentais são potencialmente modificáveis. Intervenções de promoção da parentalidade positiva mostram resultados favoráveis na redução de práticas coercitivas e no fortalecimento de estratégias responsivas (Schmidt; Staudt; Wagner, 2016; Guisso; Bolze; Viera, 2019). O ensaio de Altafim e Linhares (2025), realizado em larga escala, encontrou aumento de práticas de regulação emocional e competência parental e redução de práticas inconsistentes e coercitivas. Hill *et al.* (2020) acrescentam evidências de efeitos que alcançaram a geração seguinte após uma intervenção preventiva realizada na infância. Esses achados sustentam uma perspectiva preventiva: compreender os mecanismos envolvidos na formação de padrões cognitivos pode contribuir para interromper ciclos relacionais disfuncionais sem transformar a história familiar em um destino inevitável.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, com síntese qualitativa dos achados. A questão norteadora foi estruturada pela estratégia PICO, considerando como população crianças e adolescentes expostos a diferentes experiências parentais; como exposição, práticas parentais e experiências familiares; como comparação, experiências parentais funcionais e disfuncionais; e como desfecho, o desenvolvimento de crenças centrais ou esquemas cognitivos disfuncionais.

As buscas foram realizadas nas bases Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e PubMed (National Library of Medicine). Foram utilizados descritores relacionados a parentalidade, família, criança, adolescente, desenvolvimento, cognição, relações pais-filhos e relações familiares, combinados por operadores booleanos. Na PePSIC, empregou-se a combinação (Parentalidade OR Família) AND (Criança OR Adolescente) AND (Desenvolvimento OR Cognição). Na SciELO, utilizou-se (“relações pais-filho” OR parentalidade OR “relações familiares”) AND (criança OR adolescente), com refinamento adicional para excluir resultados relacionados à enfermagem e à população idosa. Na PubMed, foi utilizada a combinação *(Family conflict AND Emotional regulation).*

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

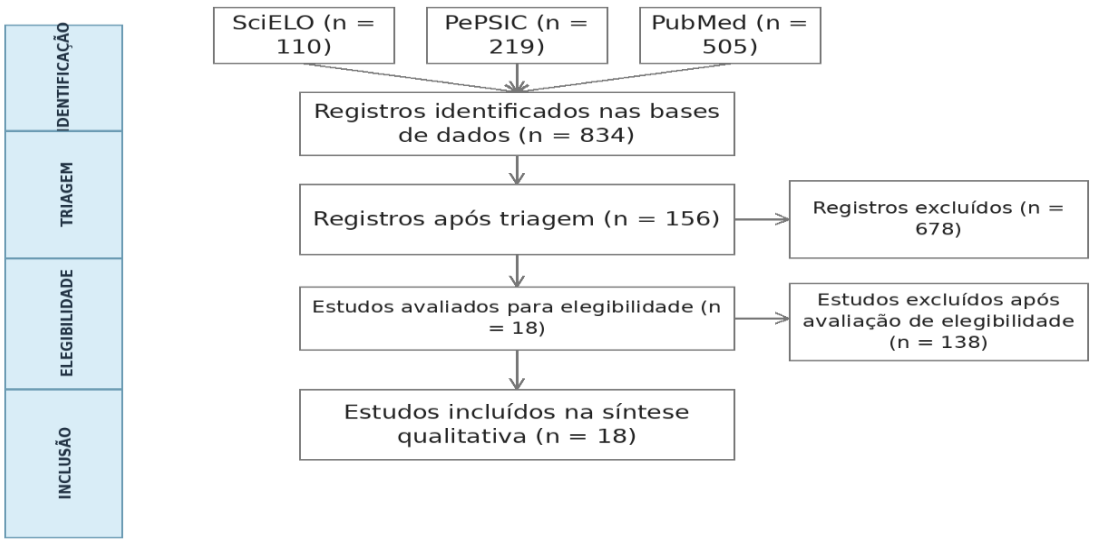
Foram incluídos artigos científicos revisados por pares, publicados entre 2015 e 2025, em português ou inglês, disponíveis integralmente e relacionados a relações ou práticas parentais associadas a processos cognitivos, crenças ou desenvolvimento psicológico. Foram excluídos duplicados, estudos sem relação direta com parentalidade, editoriais, cartas ao editor, resumos de congressos e publicações sem texto completo.

A busca inicial identificou 834 registros nas três bases. Após triagem e aplicação dos critérios de elegibilidade, 18 estudos foram incluídos na síntese qualitativa. Os estudos foram fichados quanto a autoria, ano, objetivo, amostra, delineamento, principais resultados e conclusões. A análise foi conduzida por etapas de triagem, organização, extração e análise temática, conforme a proposta de Minayo e Deslandes (2007). O processo de seleção foi organizado segundo as recomendações PRISMA, com registro das etapas e revisão da elegibilidade em situações de dúvida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de identificação e seleção dos estudos é apresentado na Figura 1. Foram identificados 834 registros nas bases consultadas, e 18 estudos compuseram a síntese qualitativa.

Figura 1. Fluxograma simplificado de identificação e seleção dos estudos



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados da revisão.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Os 18 estudos selecionados apresentaram diferentes delineamentos metodológicos e abordaram a relação entre práticas parentais, funcionamento familiar, desenvolvimento emocional e processos cognitivos. O Quadro 1 apresenta uma síntese objetiva dos estudos incluídos na revisão.

Quadro 1. Síntese dos estudos incluídos na revisão sistemática

ESTUDO	METODOLOGIA	PRINCIPAL ACHADO
A Família e o Papel Desafiador dos Pais de Adolescentes na Contemporaneidade (BARRETO; RABELO, 2015)	Revisão de literatura narrativa	A família é apresentada como principal contexto de desenvolvimento humano, com papel relevante na formação emocional, social e comportamental.
Influência da família de origem nos domínios de esquemas (PRESSI; FALCKE, 2016)	Pesquisa quantitativa, delineamento explicativo	Experiências na família de origem participam da formação de esquemas, mas interagem com vivências escolares, relacionamentos e outros cuidadores.
Práticas parentais positivas e programas de treinamento parental: uma revisão sistemática da literatura (GUISSO; BOLZE; VIERA, 2019)	Revisão sistemática da literatura	Programas de treinamento parental foram associados à melhora do manejo positivo de situações difíceis e a condições favoráveis ao desenvolvimento infantil.
Relações entre Parentalidade e Funções Executivas: Uma Revisão Sistemática (SOUZA et al., 2021)	Revisão sistemática da literatura	Práticas positivas e interação de qualidade associaram-se a melhor desenvolvimento das funções executivas; estresse e baixa qualidade de interação podem prejudicá-lo.
Relações familiares e cognições disfuncionais de adolescentes: uma revisão sistemática (LARA; CARVALHO; TEODORO, 2021)	Revisão sistemática	Relações familiares disfuncionais associaram-se a cognições negativas, especialmente relacionadas à ansiedade e a sintomas internalizantes.
Temperamento infantil e envolvimento parental: um estudo com famílias de crianças de 4 a 6 anos (GOMES et al., 2022)	Pesquisa quantitativa e correlacional; 150 famílias, 300 participantes	O envolvimento materno foi maior em cuidados e disciplina, enquanto a participação paterna apareceu de forma relevante em atividades lúdicas; o temperamento é influenciado pelo ambiente e o influencia.
A systematic literature review of protective factors mitigating intimate partner violence exposure on early childhood health outcomes (SPEARMAN; HOPPE; JAGASIA, 2023)	Revisão integrativa	Fatores protetivos em níveis individual, familiar e sistêmico sustentam intervenções baseadas em forças para promover segurança, saúde e bem-estar infantil.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Effectiveness Evaluation of a Violence Prevention Parenting Program Implemented at Large Scale: A Randomized Controlled Trial (ALTAFIM; LINHARES, 2025)	Ensaio clínico randomizado; GI n=639 e GC n=671	O programa ACT aumentou práticas de regulação emocional e competência parental e reduziu práticas inconsistentes, coercitivas e problemas de comportamento infantil.
Outcomes of Childhood Preventive Intervention Across 2 Generations: A Nonrandomized Controlled Trial (HILL et al., 2020)	Ensaio controlado não randomizado	Foram observados efeitos favoráveis na geração seguinte em funcionamento desenvolvimental, comportamento, desempenho acadêmico e comportamentos de risco.
The association between the use of digital technologies and positive youth development: a systematic review (MARTIN-BARRADO; GOMEZ-BAYA, 2025)	Revisão sistemática de 17 estudos	Uso moderado e orientado à comunicação e informação associou-se a indicadores positivos; uso excessivo relacionou-se negativamente à autoestima e ao bem-estar.
The Impact of Modifiable Parenting Factors on the Screen Use of Children Five Years or Younger: A Systematic Review (PYNE; ASMARA; MORAWSKA, 2025)	Revisão sistemática; 87 estudos quantitativos	Autoeficácia parental, regras e estilo autoritativo apareceram como fatores protetivos; modelagem elevada e estilos autoritário/permissivo associaram-se a uso mais indiscriminado.
The Influence of Parents on Emotion Regulation in Middle Childhood (DE RAEYMAECKER; DHAR, 2022)	Revisão sistemática de literatura	Fatores parentais modificáveis podem favorecer a regulação emocional, embora a adequação das estratégias dependa do contexto e das características da criança.
A Relação entre as Práticas Educativas Parentais e a Autoestima da Criança (SCHAVAREM; TONI, 2019)	Pesquisa quantitativa; 60 crianças	Negligência paterna e disciplina relaxada materna associaram-se a menor autoestima em grupos específicos; práticas parentais explicaram parte da variância da autoestima.
Estilos parentais e desenvolvimento das funções executivas: estudo com crianças de 3 a 6 anos (LUXO MARTINS; RICCARDI LEÓN; SEABRA, 2016)	Estudo com 30 crianças e responsáveis	Estilos parentais mais apropriados associaram-se a melhor controle de interferência; punição inconsistente relacionou-se a maior dificuldade no controle inibitório.
Influência das Relações Familiares na Saúde e no Estado Emocional dos Adolescentes (FREITAS et al., 2020)	Pesquisa com 203 adolescentes	Conflito e baixa afetividade contribuíram para sintomas depressivos e problemas comportamentais; maior apoio familiar associou-se a menores índices de psicopatologia.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Famílias Nucleares Intactas: Associações entre Estilos Parentais e Comportamento de Escolares (SEBASTIÃO et al., 2020)	Estudo com 42 famílias nucleares intactas	Estilos parentais negativos associaram-se a problemas de comportamento; negligência, punição inconsistente e disciplina relaxada foram especialmente relacionadas a condutas e hiperatividade.
Personalidade, Coparentalidade e Sintomas Psicológicos em Filhos(as) Adolescentes (BENINI; EUZEBIO; MOSMANN, 2025)	Estudo quantitativo, explicativo e transversal; 217 participantes	A cooperação coparental mediou parcialmente a relação entre características parentais e sintomas dos adolescentes.
Repercussões de Sintomas, Práticas e Estilos Parentais nos Sintomas Emocionais e Comportamentais dos Filhos (HEINEN et al., 2025)	Pesquisa quantitativa; 196 pais	Práticas coercitivas e estilo permissivo associaram-se a mais sintomas nos filhos; a prática parental coercitiva apresentou maior poder explicativo.

Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos estudos incluídos na revisão.

A síntese dos 18 estudos evidenciou cinco eixos principais: (1) práticas parentais disfuncionais como fatores de risco; (2) práticas positivas como fatores de proteção; (3) mediação cognitivo-emocional; (4) coparentalidade e dinâmica familiar; e (5) contexto e possibilidade de intervenção.

No primeiro eixo, os estudos convergiram ao associar negligência, coerção, punição inconsistente, baixa afetividade e conflitos familiares a dificuldades emocionais, cognitivas e comportamentais. Lara, Carvalho e Teodoro (2021), em revisão sistemática, identificaram associação consistente entre relações familiares disfuncionais e cognições negativas em adolescentes, especialmente relacionadas à ansiedade e a sintomas internalizantes. Freitas *et al.* (2020) observaram que conflito familiar e baixa afetividade foram relevantes para sintomas depressivos e problemas de comportamento. Heinen *et al.* (2025) encontraram associação entre sintomas emocionais parentais, práticas punitivas e dificuldades emocionais e comportamentais dos filhos. Sebastião *et al.* (2020) também identificaram relação entre estilos parentais negativos e problemas de comportamento em crianças de famílias nucleares intactas. Em conjunto, esses estudos indicam que a estrutura familiar, isoladamente, não explica os desfechos; a qualidade das relações e das práticas educativas é mais informativa.

A autoestima e as funções executivas aparecem como importantes vias intermediárias. Schavarem e Toni (2019) identificaram relações entre práticas parentais específicas e

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

autoestima infantil. Luxo Martins, Riccardi León e Seabra (2016) encontraram associação entre estilos parentais e componentes das funções executivas em pré-escolares, com destaque para o impacto de práticas inconsistentes sobre o controle inibitório. Souza *et al.* (2021), em revisão sistemática, observaram que práticas parentais responsivas e estruturadas se associam a melhores indicadores de funções executivas. Matos, Cavalcante e Costa (2016) relacionaram características sociofamiliares a aspectos do desenvolvimento neuropsicomotor. Esses resultados ampliam a discussão: a influência parental não se restringe à formação explícita de crenças, podendo ocorrer por meio de processos de autorregulação, competência e funcionamento cognitivo.

No segundo eixo, os estudos destacaram práticas positivas como fatores de proteção. Schmidt, Staudt e Wagner (2016) identificaram efeitos favoráveis de intervenções voltadas à promoção de práticas parentais positivas, especialmente aquelas baseadas em afeto, comunicação e estratégias educativas não coercitivas. Guisso, Bolze e Viera (2019) também observaram resultados positivos de programas de treinamento parental, com melhora do manejo de situações difíceis. De Raeymaecker e Dhar (2022) indicaram que mecanismos de socialização emocional, como modelagem e interação direta, podem favorecer o desenvolvimento da regulação emocional. Os achados sugerem que responsividade, apoio, limites consistentes e disponibilidade emocional constituem condições que favorecem repertórios mais adaptativos.

No terceiro eixo, a perspectiva cognitivo-comportamental oferece uma explicação para a passagem das experiências relacionais aos padrões de interpretação. Lara, Carvalho e Teodoro (2021) e De Raeymaecker e Dhar (2022) sustentam que relações familiares influenciam cognições e processos de regulação emocional. Pressi e Falcke (2016) mostram que experiências da família de origem participam da ativação de esquemas, embora sejam apenas uma entre várias fontes de influência. Pyne, Asmara e Morawska (2025) acrescentam que fatores parentais modificáveis, como modelagem e estilo parental, interferem em comportamentos infantis relacionados ao uso de telas, indicando que práticas cotidianas podem funcionar como modelos de aprendizagem. A interpretação mais consistente, portanto, é mediacional: experiências parentais oferecem condições e modelos; a criança atribui significado a essas experiências; e os significados internalizados podem participar da formação e manutenção de crenças e esquemas.

No quarto eixo, a coparentalidade apareceu como componente relacional relevante. Ambros *et al.* (2022) apontaram que apoio entre cuidadores se associa a resultados mais favoráveis, enquanto conflito coparental se relaciona a problemas emocionais e comportamentais. Benini, Euzebio e Mosmann (2025) identificaram que cooperação coparental

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

pode mediar parcialmente a relação entre características parentais e sintomas psicológicos dos adolescentes. Os resultados indicam que práticas educativas não devem ser analisadas de forma isolada: a consistência, a cooperação e a qualidade da relação entre os cuidadores podem modificar a experiência cotidiana dos filhos.

No quinto eixo, os achados ressaltaram a influência do contexto e a possibilidade de mudança. Trindade e Pessôa (2024) demonstraram que condições ambientais e socioculturais influenciam práticas educativas. Estudos de intervenção mostram que comportamentos parentais podem ser modificados. Altafim e Linhares (2025) observaram, em ensaio clínico randomizado de larga escala, aumento de práticas de regulação emocional e competência parental e redução de práticas coercitivas e inconsistentes após intervenção. Hill *et al.* (2020), ao acompanharem efeitos de intervenção preventiva ao longo de duas gerações, encontraram diferenças favoráveis nos filhos dos participantes da intervenção em desenvolvimento, comportamento, desempenho acadêmico e comportamentos de risco.

A integração dos achados permite responder ao problema de pesquisa sem estabelecer causalidade simplista. As experiências parentais constituem fatores relevantes para o desenvolvimento de crenças e padrões cognitivos, mas seus efeitos são mediados por características individuais, outros vínculos, contexto social, desenvolvimento e experiências posteriores. A evidência é mais consistente para associações entre práticas disfuncionais e vulnerabilidades emocionais, comportamentais e cognitivas do que para a afirmação de que determinada prática produz necessariamente determinada crença central.

Sob a perspectiva da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), essa distinção é clinicamente importante. Crenças como “sou incapaz”, “não sou digno de amor” ou “não tenho valor” podem ser compreendidas como interpretações aprendidas e reforçadas por experiências repetidas, e não como consequências inevitáveis de uma única experiência. A possibilidade de identificação e reestruturação dessas crenças sustenta intervenções que podem atuar tanto sobre o funcionamento individual quanto sobre padrões relacionais. A prevenção, por sua vez, pode investir na orientação parental, na promoção de responsividade e na redução de práticas coercitivas.

Os resultados também sustentam uma leitura intergeracional, mas não determinista. A permanência de padrões relacionais pode favorecer sua reprodução em gerações posteriores; contudo, intervenções e novas experiências podem interromper esse ciclo. O estudo de Hill *et al.* (2020) é especialmente relevante nesse sentido, pois demonstra que uma intervenção realizada na infância dos futuros cuidadores esteve associada a resultados positivos em seus filhos

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

décadas depois. Assim, a parentalidade pode ser compreendida simultaneamente como contexto de risco, proteção e transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão sistemática realizada permitiu reunir evidências de que as experiências parentais estão associadas ao desenvolvimento emocional, cognitivo e comportamental dos filhos e podem participar da formação de crenças e esquemas disfuncionais. Os estudos analisados convergiram especialmente quanto à associação entre negligência, rejeição, críticas excessivas, práticas coercitivas, inconsistência e conflitos familiares e indicadores de vulnerabilidade psicológica, incluindo baixa autoestima, dificuldades de regulação emocional, problemas comportamentais e cognições negativas.

Em contraste, afeto, responsividade, apoio, comunicação, limites consistentes e cooperação coparental apareceram como fatores de proteção. A perspectiva cognitivo-comportamental contribui para compreender esses resultados ao considerar que experiências significativas são interpretadas e internalizadas, podendo participar da construção de crenças centrais e esquemas que orientam a percepção de si, dos outros e do mundo. A teoria dos esquemas amplia essa compreensão ao destacar a influência das necessidades emocionais básicas e das experiências precoces.

Os achados, entretanto, não autorizam uma interpretação determinista. A família constitui um contexto relevante, mas não exclusivo. Características individuais, outros cuidadores, escola, relações interpessoais, condições socioeconômicas, cultura e experiências posteriores também participam da trajetória de desenvolvimento. As diferenças metodológicas entre os estudos e a heterogeneidade de conceitos, amostras e instrumentos limitam comparações diretas.

Do ponto de vista aplicado, os resultados reforçam a importância de intervenções preventivas e terapêuticas que promovam práticas parentais responsivas, reduzam coerção e inconsistência e fortaleçam habilidades de regulação emocional e cooperação entre cuidadores. Na clínica cognitivo-comportamental, a identificação e a reestruturação de crenças disfuncionais podem contribuir para romper padrões de interpretação aprendidos e ampliar repertórios adaptativos.

Recomenda-se que pesquisas futuras utilizem delineamentos longitudinais e maior padronização conceitual e metodológica para esclarecer os mecanismos pelos quais experiências parentais se relacionam à formação, manutenção e transformação de crenças ao

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

longo da vida. Dessa forma, o conhecimento produzido pode sustentar ações que não apenas reduzam fatores de risco, mas ampliem condições familiares favoráveis ao desenvolvimento psicológico saudável.

REFERÊNCIAS

ALTAFIM, Elisa Rachel Pisani; LINHARES, Maria Beatriz Martins. Effectiveness evaluation of a violence prevention parenting program implemented at large scale: a randomized controlled trial. Psychosocial Intervention, v. 34, n. 2, p. 63-77, 2025. DOI: 10.5093/pi2025a6.

AMBROS, Tatiane M. B.; COLTRO, Beatriz P.; VIEIRA, Mauro Luís; LOPES, Fernanda M. Coparentalidade e comportamento da criança no contexto do divórcio: uma revisão sistemática. Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-25, 2022. DOI: 10.5935/1980-6906/ePTPHD14268.

BARRETO, Maria José; RABELO, Aline Andrade. A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. Pensando Famílias, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 34-42, 2015.

BAUMRIND, Diana. Effects of authoritative parental control on child behavior. Child Development, v. 37, n. 4, p. 887-907, 1966. DOI: 10.2307/1126611.

BECK, Aaron T. Prisoners of hate: the cognitive basis of anger, hostility, and violence. New York: HarperCollins, 1999.

BECK, Judith S. Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

BENINI, Larissa Enriconi; EUZEBIO, Luiza Dalla Corte; MOSMANN, Clarisse Pereira. Personality, co-parenting, and psychological symptoms in adolescent children. Paidéia, Ribeirão Preto, v. 35, e3509, 2025. DOI: 10.1590/1982-4327e3509.

BOWLBY, John. Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

DE RAEYMAECKER, Karen; DHAR, Monica. The influence of parents on emotion regulation in middle childhood: a systematic review. Children, v. 9, n. 8, 1200, 2022. DOI: 10.3390/children9081200.

FREITAS, Patrícia Martins de; COSTA, Raphael Silva Nogueira; RODRIGUES, Marianna Santos; ORTIZ, Bruna Rafaela de Assis; SANTOS, Júlio César dos. Influência das relações familiares na saúde e no estado emocional dos adolescentes. Revista Psicologia e Saúde, Campo Grande, v. 12, n. 4, p. 95-109, 2020. DOI: 10.20435/pssa.vi.1065.

GOMES, Lauren Beltrão; SCHMIDT, Beatriz; BOSSARDI, Carina Nunes; BOLZE, Simone Dill Azeredo; BIGRAS, Marc; VIEIRA, Mauro Luís; CREPALDI, Maria Aparecida. Temperamento

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

infantil e envolvimento parental: um estudo com famílias de crianças de 4 a 6 anos. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 15, n. 1, e17495, 2022. DOI: 10.36298/gerais202215e17495.

GUISSO, Luciane; BOLZE, Simone Dill Azeredo; VIERA, Mauro Luis. Práticas parentais positivas e programas de treinamento parental: uma revisão sistemática da literatura. Contextos Clínicos, v. 12, n. 1, p. 226-255, 2019. DOI: 10.4013/ctc.2019.121.10.

HEINEN, Marina; ALVARES, Joana; DALPAZ, Eduarda; PENNA, Marcela Nunes; FALCKE, Denise. Repercussões de sintomas, práticas e estilos parentais nos sintomas emocionais e comportamentais dos filhos. Revista Psicologia e Saúde, Campo Grande, v. 17, e17092028, 2025. DOI: 10.20435/pssa.v1i1.2028.

HILL, Karl G.; BAILEY, Jennifer A.; STEEGER, Christine M.; HAWKINS, J. David; CATALANO, Richard F.; KOSTERMAN, Rick; EPSTEIN, Marina; ABBOTT, Robert D. Outcomes of childhood preventive intervention across 2 generations: a nonrandomized controlled trial. JAMA Pediatrics, v. 174, n. 8, p. 764-771, 2020. DOI: 10.1001/jamapediatrics.2020.1310.

LARA, Ana Cláudia Dutra Cipriano; CARVALHO, Thaís Muzzi; TEODORO, Maycoln Leôni Martins. Relações familiares e cognições disfuncionais de adolescentes: uma revisão sistemática. Psicologia em Pesquisa, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 1-19, 2021. DOI: 10.34019/1982-1247.2021.v15.29297.

LUXO MARTINS, Gabriela Lamarca; RICCARDI LEÓN, Camila Barbosa; SEABRA, Alessandra Gotuzo. Estilos parentais e desenvolvimento das funções executivas: estudo com crianças de 3 a 6 anos. Psico, v. 47, n. 3, p. 216-227, 2016. DOI: 10.15448/1980-8623.2016.3.22480.

MARTIN-BARRADO, Antonio David; GOMEZ-BAYA, Diego. The association between the use of digital technologies and positive youth development: a systematic review. Frontiers in Psychology, v. 16, 1552128, 2025. DOI: 10.3389/fpsyg.2025.1552128.

MATOS, Larissa Araújo; CAVALCANTE, Lília Iêda Chaves; COSTA, Elson Ferreira. Características do ambiente sociofamiliar e desenvolvimento neuropsicomotor de crianças: associações e implicações. Revista Subjetividades, v. 16, n. 3, p. 97-108, 2016. DOI: 10.5020/23590777.16.3.97-108.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007.

PRESSI, Juliana; FALCKE, Denise. Influência da família de origem nos domínios de esquemas. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, v. 12, n. 2, p. 73-82, 2016. DOI: 10.5935/1808-5687.20160013.

PYNE, Blake; ASMARA, Olifa; MORAWSKA, Alina. The impact of modifiable parenting factors on the screen use of children five years or younger: a systematic review. Clinical Child and Family Psychology Review, v. 28, p. 458-490, 2025. DOI: 10.1007/s10567-025-00523-9.

SCHAVAREM, Luana do Nascimento; TONI, Caroline Guisantes de Salvo. A relação entre as práticas educativas parentais e a autoestima da criança. Pensando Famílias, v. 23, n. 2, p. 147-161, 2019.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

SCHMIDT, Beatriz; STAUDT, Ana Cristina Pontello; WAGNER, Adriana. Intervenções para promoção de práticas parentais positivas: uma revisão integrativa. Contextos Clínicos, v. 9, n. 1, p. 2-18, 2016. DOI: 10.4013/ctc.2016.91.01.

SEBASTIÃO, Aline Sanches Politi; RODRIGUES, Ana Paula Casagrande Silva; PIZETA, Fernanda Aguiar; LOUREIRO, Sonia Regina. Intact nuclear families: associations between parental styles and school children's behavior. Psico-USF, v. 25, n. 1, p. 115-126, 2020. DOI: 10.1590/1413-82712020250110.

SOUZA, Wayson Maturana de; ROCHA, Luiz Fellipe Dias da; CARVALHO, Rafael Vera Cruz de; FIORAVANTI, Ana Carolina Monnerat. Relações entre parentalidade e funções executivas: uma revisão sistemática. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 277-297, 2021. DOI: 10.12957/epp.2021.59386.

SPEARMAN, Kathryn J.; HOPPE, Emily; JAGASIA, Emma. A systematic literature review of protective factors mitigating intimate partner violence exposure on early childhood health outcomes. Journal of Advanced Nursing, v. 79, n. 5, p. 1664-1677, 2023. DOI: 10.1111/jan.15638.

TEODORO, Maycoln Leôni Martins; CARDOSO, Bruna Moraes; FREITAS, Ana Carolina Huff. Afetividade e conflito familiar e sua relação com a depressão em crianças e adolescentes. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 23, n. 2, p. 324-333, 2010. DOI: 10.1590/S0102-79722010000200015.

TRINDADE, Thaís de Oliveira; PESSÔA, Luciana Fontes. Práticas educativas parentais de pais residentes no município do Rio de Janeiro. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 41, n. 125, p. 310-321, 2024. DOI: 10.51207/2179-4057.20240028.

VON MÜHLEN, Mara Cristiane; AMARAL, Nathalia Basso do; OLIVEIRA, Margareth da Silva. Terapia do esquema de Jeffrey Young: instrumentos de avaliação de esquemas, modos e estilos parentais no Brasil. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, v. 21, e20250565, 2025. DOI: 10.5935/1808-5687.20250565.

WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj; PRADO, Paulo Müller; VIEZZER, Ana Paula; BRANDENBURG, Olivia Justen. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 17, n. 3, p. 323-331, 2004.

YOUNG, Jeffrey E. Terapia cognitiva para transtornos da personalidade: uma abordagem focada em esquemas. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.